

CERES

* Roberto Rodrigues

Fazia um pouco de frio: junho estava muito mais para inverno que para outono. Ela vestiu suas calças jeans de **algodão** do Paraná e suas longas belas pernas ficaram protegidas. Sobre uma blusinha branca de **seda**, desenhada com dalias vermelhas, vestiu um casaquinho de gaúcha **lã** de ovelha, cor de rosa, combinando com as meinhas da mesma cor que sumiram na elegante bota de **couro** de gado do Mato Grosso. Mesmo com tanta roupa, as curvas generosas do seu corpo escultural eram marcantes. Escovou os dentes com pasta **mentolada**, passou seu delicioso perfume **floral**, penteou os longos cabelos negros brilhantes e desceu para o café da manhã.

Leu os jornais do dia, produzidos a partir de **árvores** catarinenses, e sentou-se à mesa de **mogno** cultivado no Acre, coberta por uma alva toalha de **linho**. O pãozinho de **trigo** do Mato Grosso do Sul e a broa de milho goiano com **manteiga** paulista, e **geléia de morango** fluminense acompanhavam um **chocolate** baiano adoçado pelo **açúcar** mascavo nordestino. **Uvas** e **papaia** do Vale do São Francisco completavam o cardápio matinal.

O **cafezinho**, cujo aroma convidativo era sempre bem vindo, tinha o blend do **arábica** mineiro e do conilon **capixaba**. Pronta e linda como sempre, as madeixas balançando ao sabor do andar sensual, ela saiu para o trabalho.

Examinou os pneus de **borracha** rondoniense do seu carro, entrou, fechou a porta e foi abastecer com um pouco do etanol da **cana-de-açúcar** do Brasil.

Enquanto guiava para o escritório ia apreciando a paisagem. O corpo ainda tinha saudade dos lençóis de **cetim** que cobriam o colchão de **penas** e os travesseiros de **macelinha do campo**, cujo perfume ainda exalava dos cabelos encaracolados.

Os canteiros de **flores** diversas que se alternavam no caminho iam colorindo a grama que secava... e as **árvores**, centenas, milhares, de todas as famílias, de todas as idades, dançavam gentilmente ao sabor da fria brisa matinal. Eram tantos ipês, jacarandás, aroeiras, mognos, cedros, paineiras, jequitibás, jatobás, faveiros, mungubas, pequis, tantos...

Pensou então na extraordinária comunhão da natureza com o homem, na dura faina quotidiana da agricultura. Em como a terra solidária, cultivada, fertilizada e corrigida com carinho pelo agricultor, produzia todos os fatores essenciais para a vida: tudo! Não só os alimentos, mas o vestuário, o combustível, a moda, plantas aromáticas e medicinais; e em como o trabalho do homem compunha uma sublime relação com o ambiente.

Enquanto o rádio do carro tocava uma orquestra de cordas, sorriu suavemente ao se lembrar que até a corda do arco do violino montado com **madeira** especial de floresta tropical, era feita de **crina de cavalo**. E isto lhe trouxe

à memória de que nesta noite, haveria uma festa de aniversário, regada a cerveja de **cevada**.

Por fim, a linda Ceres chegou ao escritório e mergulhou no trabalho: serviços de planejamento agropecuário, crédito, seguro, apoio à comercialização, tudo para agricultura. Era o mínimo, pensou, o mínimo que podia fazer para honrar aqueles que garantiam sua vida, seu bem estar e sua tranquilidade.

Era o mínimo, que podia fazer para homenagear estes heróis que dia após dia, ano após ano, enfrentando a concorrência desleal dos subsídios dos países ricos, fazem do Brasil um grande exportador de alimentos e fibras, gerando empregos e riquezas para todos.

Era o mínimo!

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da Fiesp e professor de Economia Rural da Unesp/Jaboticabal**